

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Rememorações: a sensibilidade do olhar narrativas e experiências dos esquecidos escolares como formadoras de conhecimentos históricos na modernidade em Chapecó de 1970 a 1980

MARINA LUZ ROTAVA PAIM<sup>1</sup>

Esta pesquisa entretetece as rememorações das experiências de sujeitos escolares, os zeladores e serventes, que habitavam Chapecó, cidade do Oeste catarinense, no período de 1970 a 1980. Sujeitos que foram atravessados e deslocados pelo processo de modernização industrial e urbana.

Pensamos que, neste entretecer de suas narrativas e suas experiências, temos a possibilidade de rastrear as sensibilidades e memórias desses sujeitos na e da urbe, no período matizado por tensões, embates e conflitos, em franca relação com a ditadura militar no Brasil e no Cone Sul. Assim, compreendemos esse processo rememorativo como formador de conhecimentos históricos acerca da cidade.

Desenvolvemos este trabalho com base em narrativas e experiências de sujeitos vinculados às escolas públicas estaduais – seus antigos zeladores e serventes, os agentes de serviços gerais. Destacamos que cada um desses sujeitos se caracteriza por suas diferentes tarefas, na figura dos zeladores, que transitam pela escola para cuidar do patrimônio escolar, e dos serventes, que são responsáveis pela limpeza e manutenção das escolas, sujeitos que tendem a ser esquecidos no cotidiano escolar pela história da educação brasileira, embora sejam essenciais para o funcionamento das escolas. Sujeitos narradores das histórias e memórias de Chapecó, no período do ufanismo industrial local.

Fundamentamos tal pesquisa sobre o que é a modernidade nos textos de Walter Benjamin, filósofo alemão que aborda a emergência e avanços dessa na capital francesa, focalizando as contradições da modernização fabril imbricadas no viver urbano e emergência de sensibilidades modernas por entre seus habitantes. Para tanto, tomamos suas obras: *Paris no século XIX* (1991a) e *A Paris do segundo império em Baudelaire* (1991b); como também, os conceitos benjaminianos de experiência e narrativa, a partir de dois de seus ensaios *Experiência e pobreza* (1994a) e *O narrador* (1994b).

Buscamos compreender como as memórias sobre esse avanço da modernidade capitalista (LÖWY, 1978), tomadas com base em experiências vividas e narradas pelos

---

<sup>1</sup> USF, Mestranda em Educação, apoio CAPES.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

zeladores e serventes, possibilitam a construção por eles de uma dada percepção do conhecimento histórico sobre Chapecó. Para tanto, tomamos a “[...] cidade como cruzamento de diferentes espaços e tempos, de diferentes suportes de memórias e histórias” (GALZERANI, 2013: 14) nos rastros do olhar sensível do narrador sobre as transformações, em específico da cidade de Chapecó, relativas à industrialização, ao aumento populacional e à falta de saneamento básico, ocorridas nas décadas de 1970 e 1980.

Dessa forma, compreendemos a conexão deste trabalho com o pensamento de Bakhtin (2010), uma vez que abordamos dialogicamente as diferentes vozes do meio escolar nas figuras desses sujeitos sensíveis. Assim, buscamos provocar diálogos entre as lembranças dos nossos narradores, ao olharmos para elas na formação de uma memória coletiva sobre a modernização da cidade de Chapecó.

Ao nos mobilizarmos sobre a figura de quem narra ou quem conta a história, percebemos essa pluralidade de vozes que emergem a partir da tessitura do enredo. Então, indagamos: quem são os personagens dessa narrativa? Como eles rememoram suas experiências sobre seus lugares e tempos? Como também, em meio a tais vozes, pensamos o narrador desta pesquisa, a pesquisadora, e como essa, ora personagem, ora observadora, se reconhece ou se perde em meio aos rastros de sua pesquisa?

Tecer um texto em diálogo com Bakhtin (2010) e Benjamin (1991a) sobre o tornar-se narrador/pesquisador pressupõe revisitar o personagem benjaminiano do *flâneur* que experiencia a cidade francesa no século XIX por meio de uma estética dos sentidos e sensível ao cronotopos (espaço e tempo) da modernidade parisiense, estética que nos educa para observar, perceber e sentir a cidade, na sua polifonia e polissemia. Em consequência, nos convida também a pensar a cidade sobre a ótica da criança benjaminiana, que se flagra no olhar do Benjamin adulto, também mobilizado por essa estética dos sentidos.

Contudo, tal experiência estética nos revela diferentes formas expressivas e sensitivas de “olhar” para a cidade, para seus ritmos, (dis)sabores, (des)harmonias e melodias que partem de uma materialidade social e histórica bakhtiniana, em uma resignificação, segundo Sobral (2005), da racionalidade kantiana presumida no humano, num plano abstrato. Com isso, pensamos tal estética em uma relação ética a partir das experiências.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

A ética pressuposta na figura do narrador/pesquisador, quando o reconhecemos como responsável pela condução da pesquisa, da narrativa, mas em uma “posição exotópica, equivalente a ‘estar num lugar fora’, é um ‘fora’ relativo, uma posição de fronteira, posição móvel, que não transcende o mundo, mas o vê de uma certa distância a fim de transfigurá-lo” (SOBRAL, 2005: 109). Assim, o pesquisador apresenta-se como a figura do *flâuner*.

Para Benjamin, em *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*, a figura do *flâuner* passa a compor os espaços urbanos, por meio de sua percepção. Ele olha a cidade em suas dissonâncias, ao impor um outro fluxo, ritmos e sensibilidade a partir de seu caminhar errante pela urbe:

*O observador, diz Baudelaire, “é um príncipe que consegue estar incógnito por toda parte”. Se, desse modo, o flâuner chega a ser um detetive contra a sua própria vontade, trata-se de algo que socialmente lhe cai muito bem. Legítima a sua vagabundagem. A sua intolerância é apenas aparente. Atrás dela se esconde a vigilância de um observador que não perde o malfeitor de vista. Assim, o detetive vê se abrirem vastos campos à sua sensibilidade. Ele constitui formas de reação adequadas ao ritmo da cidade grande. (BENJAMIN, 1991b: 70).*

Daí, podemos pensar o *flâuner* como aquele que observa as pluralidades da cidade, como um detetive, o pesquisador que se sensibiliza sobre a história que narra.

Desse modo, compreende-se como os personagens marginalizados evidenciam o processo de modernização, uma vez que esses, numa personificação na figura do *flâuner* ou do poeta, passam a observar o ritmo em que se modifica a cidade. Ele incorpora a figura do detetive que nos remete aos aspectos ameaçadores da composição da massa, pois essa se apresenta justamente como o asilo ao antissocial, aos “esquecidos e silenciados”.

Para Benjamin (1991), o poeta Baudelaire personifica a figura do *flâuner*, pois nela há esse olhar nutrido da melancolia da capital parisiense, olhar alegórico, quando a cidade se torna objeto de sua poesia. Benjamin propõe que a poesia de Baudelaire:

*[...] não é nenhuma arte nacional e familiar; pelo contrário, o olhar alegórico a perpassar a cidade é o olhar de estranhamento. É o olhar do flâuner, cuja forma de vida envolve com um halo reconciliador a desconsolada forma de vida vindoura do homem da cidade grande. O flâuner ainda está no limiar tanto da cidade grande quanto da classe burguesa. Nenhuma delas ainda o subjugou. Em nenhuma delas ele se sente em casa (BENJAMIN, 1991 a: 39).*

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

Assim, a figura do *flâuner* nos permite no lugar do pesquisador, atravessar as “galerias” da modernidade com olhares sensíveis sobre ela, uma vez que nas ruas já não há espaço para a flâunerie<sup>2</sup>, pois nelas o *flâuner* se perde em meio à multidão. Dessa forma, como o estranhamento do *flâuner*, buscamos a polifonia e a polissemia da cidade de Chapecó, com o olhar sensível do poeta/*flâuner* para e na cidade.

E por meio desse personagem benjaminiano, com seu andar descompassado e seu estado de embriaguez, nos sensibilizamos ao olharmos para a cidade de Chapecó no período de sua industrialização, de 1970 a 1980, em diálogo com as narrativas e experiências dos esquecidos e silenciados dos meios escolares, os serventes e os zeladores das escolas.

Como o *flâuner*, também recorremos a outro personagem benjaminiano, a criança, como já mencionamos. Ela nos permite recordar por meio dos rastros e resíduos que foram deixados, tal como na mônada *Caçando borboletas de infância em Berlim* (1995), na qual Benjamin rememora a coleção de borboletas que mantinha em uma caixa em seu quarto, caixa que permite rememorar os cuidados para a captura das borboletas.

Benjamin narra: “era-me árduo percorrer o caminho entre o palco de minha ditosa caçada e minha base, onde, de um tambor de herborista, iam surgindo éter, algodão, alfinetes de cabeça colorida e pinças” (1995: 81). A caça ocorria no jardim do Brauhausberg<sup>3</sup>, cujo nome vem como palavra invocada na memória da criança e que se perde na memória do adulto, com a transfiguração dela, pois não há mais a cervejaria que caracteriza o nome local que tinha tal jardim.

Dessa forma, propomo-nos a entretecer o olhar de quem rememora os vestígios com o olhar da criança, a qual se sensibiliza com os detalhes dos espaços, é sensível aos movimentos; como o da criança benjaminiana ao caçar as borboletas. Então, nos sensibilizamos ao percorremos os caminhos da pesquisa, por meio dos rastros e dos vestígios sobre Chapecó.

Esse olhar sensível da criança nos move e nos desloca para entendermos e perambularmos na história de Chapecó, pois nos permite, como pesquisador/narrador, andar a

---

<sup>2</sup> O andar do *flâuner* pela cidade sem a preocupação do tempo moderno.

<sup>3</sup> Cervejaria ou casa de cervejas, em alemão.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

meios passos e descompassos. O andar “sem jeito” do corcundinha, pelo qual o adulto refere-se a si mesmo quando criança, em diálogo com ela, como nessa memória de Benjamin:

*Onde quer que ele aparece, eu ficava a ver navios. Pois as coisas se subtraíam até que, depois de anos, o jardim se transformasse num jardinete, o quarto num quartinho, o banco numa banquetta[...] Só ele me via. E no tanto mais nítido quanto menos eu me via a mim mesmo. (BENJAMIN, 1995: 142)*

Com isso, Benjamin, em *Infância em Berlim* (1995), nos leva a viajar pela sua infância berlinense, com a figura do corcundinha, ou seja, com a sua criança, que ora, ao deixar cair alguma coisa, algum rastro, permite ser visitada ou lembrada.

Assim, Benjamin nos autoriza, para além do estranhamento a essa modernidade na figura do *flâuner*, também a compor essa modernidade, uma vez que a criança benjaminiana se assimila ao *flâuner* como detetive. A criança nos permite olhar sensivelmente para os resíduos e os rastros do processo de modernização da cidade de Chapecó e a estranharmos a industrialização e a urbanização da cidade. E, ao dialogarmos com os sujeitos entrevistados que narraram e a experienciaram, percebemos as tensões, as disputas e os conflitos nos rastros de suas narrativas.

Aí pensamos: “o que é um olhar sensível?” e o defendemos na figura do *flâuner* e da criança, assim, no pesquisador/narrador, uma vez que esse possibilita pensarmos para além de um olhar crítico, tendo em vista que o olhar sensível se compõe de uma razão, mas também busca nas sensibilidades do corpo e das percepções os resíduos e rastros da história.

Desse modo, a partir das sensibilidades, buscamos pensar/refletir sobre as mudanças ocorridas com a modernização e a necessidade de restaurarmos por meio das rememorações as experiências e as memórias, em específico da cidade de Chapecó, interligando os processos de modernização dessa cidade às caracterizações e desdobramentos sobre a modernidade benjaminiana, mobilizada a partir de Paris, a “capital das luzes”, no século XIX.

Para Benjamin, essa modernidade evidenciada em Paris caracteriza novas estruturas, na estética da cidade implementada por Haussmann, que impede as barricadas com as largas avenidas e com as galerias parisienses, apresentando-se como passagens e “cenários das primeiras iluminações a gás” (BENJAMIN, 1991a: 31). Assim, com as luzes não há mais

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

distinção entre a burguesia<sup>4</sup> da cidade, e os sujeitos nelas marginalizados - os boêmios, as prostitutas, os trapeiros e o *flâuner*. Com a modernidade se perde o valor do sujeito para a construção de uma grande massa.

Conforme Benjamin (1991a), na modernidade Paris passa a ser a capital do luxo e da moda. A capital francesa ganha destaque com as exposições universais, nas quais as mercadorias deixam de ter seu valor de utilidade e unicidade, para ter um valor expositivo.

Para o filósofo, com a modernidade criam-se fantasmagorias que distraem o homem moderno, que passa somente a vivenciar o cronotopos da urbe. Com a fantasmagoria cria-se a ilusão de interioridade das casas burguesas, de que nelas se tinha tudo. Do mesmo modo, as fantasmagorias fazem com que se tenha um apagamento dos conflitos urbanos, por exemplo as barricadas e os cruzamentos pelas ruas com os sujeitos marginalizados socialmente.

Esse processo das transformações urbanas na modernidade desvelamos em *Experiências e pobreza* (1994a) e em *O narrador* (1994b), quando Benjamin narra como acontece a desmoralização das experiências e da tradição oral, com a Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, em que os soldados voltam silenciados. Em ambos os ensaios, o filósofo narra o empobrecimento das experiências, uma vez que elas deixam de ser comunicadas nas narrativas, com o silenciamento provocado pelos traumas da guerra. Evidenciamos tal processo em *O narrador*:

*[...] nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra do material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora a escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem, em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 1994 b, p. 198).*

Dessa forma, essa modernidade é matizada por mudanças que valorizam o sistema capitalista, as técnicas, o tempo presente e aquilo que se apresenta como novo, desvalorizando as experiências, as tradições, o passado e o homem.

---

<sup>4</sup> Classe de comerciantes e detentores das riquezas e dos modos de produção, proprietários do capital.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

Para Benjamin (1994a), a narrativa das experiências vividas consegue abranger seu valor no conselho, uma sabedoria da tradição oral, nas experiências transmitidas de boca em boca. A narrativa se encontra numa poesia épica ou em alguns tipos de prosas, como os contos de fadas, lendas, pois são retiradas da experiência do narrador ou de relatos de outros sobre suas vidas.

Em *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*, Thompson (1998) mostra os conflitos do tempo da modernidade, na adaptação de alguns trabalhadores do meio rural, para a sobrevivência no capitalismo industrial, e também como a escola apresenta-se como lugar para as crianças serem disciplinadas e retiradas das ruas, sendo a instituição que inculcou o “uso-econômico do tempo” (THOMPSON, 1998: 292).

O autor (1998) focaliza o modo como ocorre a mudança do valor do tempo: “o tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta” (THOMPSON, 1998: 272), que passa a ser visto como dinheiro e marcado pelo relógio. Desse modo, o tempo que orientava o sujeito/trabalhador pelas tarefas do meio rural, nos ritmos naturais da agricultura, passa a ser gasto pelo sujeito/trabalhador com a imposição do capitalismo.

Contudo, a exatidão dos relógios em pontos públicos tem maior alcance somente no século XVI. Conforme Thompson, na Revolução Industrial havia poucos instrumentos para informar as horas de maneira precisa. A disseminação de relógios em locais públicos ocorre por meio das igrejas que deveriam possuir um relógio no alto de suas torres principais.

Ao olhar o desenvolvimento da época percebermos que não há neutralidade nas transformações. O período é marcado por tensões e conflitos resultantes da dissonância entre os modos de vida da população. Conflitos que mobilizaram a construção de novos valores, mas também resistiram à determinação do tempo sobre a vida dos sujeitos. Então, para Thompson, não há “desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de uma cultura. E o desenvolvimento da consciência social, como o desenvolvimento da mente de um poeta, jamais pode ser, em última análise, planejado” (1998: 304).

Assim, compreendemos que tanto o desenvolvimento da modernidade como a modernização da cidade de Chapecó perpassam caminhos e rastros que se entrecruzam, possibilitando a construção de conhecimentos históricos sobre a descaracterização da cultura.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

Referem-se às experiências e memórias desses espaços e tempo, na valorização dos diferentes olhares sobre a cidade, em um rememorar, por meio de narrativas, a história acerca da modernidade.

Para isso, procuramos memórias e experiências no meio escolar sob o diferente olhar de quem o compunha, na figura de quem experienciou e pode narrar sobre a industrialização e urbanização de Chapecó nos anos 1970, nos meios escolares, os que percebiam a escola como um todo, mas enquanto sujeitos desse meio nem sempre foram ou são ouvidos ou lembrados: funcionários das escolas, os quais são normalmente esquecidos, como a figura do *flâuner*, que perpassam a cidade. Buscamos os olhares plurais sobre a e na cidade e a importância de rememorar as narrativas desses funcionários que são personagens do desenvolvimento industrial de Chapecó.

Com isso, este trabalho mostra sua relevância por desnaturalizar as narrativas ufanistas<sup>5</sup> da história local e buscar diferentes olhares sobre as histórias e as memórias, ao pensarmos o social e o coletivo, que as formam. Com efeito, pretendemos relembrar as diversas formas de conhecimento e os sujeitos que os produzem. Dessa maneira, buscaremos, a partir das experiências dos narradores, a construção de um presente/futuro que rememore o passado da cidade de Chapecó.

As memórias dos narradores remetem à sensibilidade dos sujeitos esquecidos, negando o empobrecimento das experiências vividas e esquecidas no meio escolar e fora dele, sobre a modernização de Chapecó, em busca de “conhecer” os rastros deixados. Assim destacamos o valor das lembranças desses sujeitos como fontes significativas para a construção de conhecimentos históricos educacionais.

Nos ancoramos na história oral para pensarmos sobre um olhar sensível e plural a respeito da história da cidade de Chapecó, mediante as entrevistas com os zeladores e os serventes das escolas, evidenciando a sensibilidade das narrativas como formadoras de conhecimento histórico.

---

<sup>5</sup> Com a modernização de Chapecó criou-se um imaginário ufanista da cidade.



## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

Para tanto, vamos ao encontro de Portelli (1997), que propõe que a história oral se caracteriza pelos significados que o entrevistado atribui sobre os eventos e isso não necessita a busca de uma veracidade sobre tais fatos. Além disso, tal metodologia nos possibilita (re)conhecer os eventos, desvelando experiências das classes não hegemônicas. Ressaltamos também o uso de outras fontes, os periódicos, que nos auxiliaram no conhecimento sobre o contexto histórico abordado, para realizarmos tais entrevistas.

A ideia de desenvolvimento que percorreu o país na década de 70 atingiu também Chapecó. Por meio da imprensa local, criou-se e reafirmou-se o pensamento favorável ao modelo de industrialização proposto pela ditadura militar, pensamento que evidenciamos neste artigo,) da revista da época, *Celeiro*, citado por Paim (2006), o qual tinha o título *Eu Transformei Chapecó*:

*Chapecó, não sabe bem o que pensar de mim. Por um lado, ele respeita como elemento importante na comunidade, por outro ele tem certa perplexidade diante daquilo que eu faço e daquilo que eu pretendo fazer. Eu sempre fui respeitada em todos os lugares em que me fiz presente e ninguém se arrependeu de ter me recebido bem. Aonde eu chego, revoluciono os homens de negócios e todos me querem. A minha presença proporcionará tranquilidade. Enamorei-me pelos homens de Chapecó e para cá vim para ficar. Sou menor de idade ainda, mas mesmo assim não me faltam cortejos em Chapecó. Atualmente namoro 1.100 pessoas das mais variadas idades e pretendo conquistar mais de umas novecentas até 1972. Ficaram curiosos para saber meu nome, não é? Pois eu sou a INDÚSTRIA (CELEIRO apud PAIM, 2006: 130).*

Com esse artigo, entendemos que os meios de comunicação impressa produziam e divulgavam uma visão eufórica da industrialização em Chapecó. Tais meios também promoviam alguns atos político-administrativos que possibilitavam e flexibilizavam a instalação de algumas empresas, principalmente frigoríficos, como o Aurora e o Chapecó.

Assim, estimulou-se intensivamente o crescimento do meio urbano de Chapecó, o que propiciou o êxodo rural, uma vez que até o fim da década anterior Chapecó ainda era caracterizada como uma pacata cidade do Oeste de Santa Catarina. Em 1970, Chapecó “contava com 49.693 habitantes, sendo que 40% residiam na cidade (20.185 habitantes) e 60% na zona rural (29.508 habitantes)” (PAIM, 2003: 16).

Esse êxodo rural, evidenciamos neste trecho da entrevista realizada com o servente Orestes Belomir, agente de serviços gerais da Escola de Educação Básica Coronel Ernesto Bertaso:

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

*Eu era professor no interior e daí chegou o tempo que os filhos precisavam estudar, já tavam na 3ª, 4ª série e daí eu dependia de outros colégios para estudar os meus filhos e tinha que fica dando instrução para os filhos dos outros, eu disse: - não... não tá certo isso aí. Meus filhos precisam se aproximar de um colégio bom e se formá, porque a vida precisa mesmo do conhecimento, aí eu pedi readaptação para o cargo de agentes de serviços gerais, a bem de estudar meus filhos (BELOMIR).*

Com isso, percebemos como haviam diferentes causas para o êxodo rural na cidade de Chapecó, e como a imagem de um progresso pela educação se constrói no período. Com o “milagre econômico” ocorrido no país, segundo os militares, no governo de Médici (1969-1972), silenciaram-se as vozes dos que possuíam ideias contrárias ao governo. Segundo Paim (2003), a elite local e o governo transmitiam pelos meios de comunicação a ideia de que esse desenvolvimento econômico se daria pelo trabalho pacífico e pela esperança dos trabalhadores em um futuro promissor.

Contudo, o processo de industrialização em Chapecó ocorreu mediante algumas manobras das elites locais, como a desvalorização da agricultura e da pecuária, ambas atividades econômicas prioritariamente familiares, privilegiando o desenvolvimento das indústrias. Evidenciamos esse processo do desenvolvimento industrial na narrativa do servente Orestes:

*[...] as indústrias desenvolveu bastantes. Eu conheci quando a cooperativa era uma bodeguinha. Cooperativa Agrícola Super Alfa, que agora é SuperAlfa. Era uma bodeguinha, fornecia umas semente, pros colono, mas muito bem pequena, dava de considerar uma bodega. [...] depois é que o Aury Bodanese acreditou que a cooperativa podia desenvolver e foi unindo os colonos, os agricultores, foi um desenvolvimento muito grande. Porque daí compareceu a suinocultura, ele já era da agricultura, comprava produto e revendia, principalmente feijão, milho, trigo. Então, houve um movimento na agricultura também. E com a instalação da Sadia, eu observei assim, conheci desde as valetas que eles fizeram, a gente morava no interior e vinha e via a construção da Sadia que eles fizeram aí. E foi o desenvolvimento, daí a criação de frangos, que eles...abrangeu bastante, né (BELOMIR).*

Esses agricultores tiveram que modernizar suas formas de produção, adquirindo novas máquinas, em virtude da competitividade criada pelo novo sistema. Além disso, os pecuaristas sofreram com as manobras do governo do estado e da elite, que impuseram outras condições de trabalho e produtividade.

Notamos como tal modernização refletiu em todos os setores trabalhistas da cidade e como selecionou seus protagonistas. No livro *Fala professor(a)*, de Elison Antonio Paim (1997), observamos nas narrativas de alguns professores como ocorreu essa industrialização

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

para os diferentes segmentos sociais, com a chegada de indústrias. A “cidade das rosas” passou a ser “capital do Oeste”, uma vez que se criou a ideia de que “lá havia emprego para todos”, construindo-se um ufanismo sobre ela.

Segundo Paim (1997), a população camponesa que foi “tentar a sorte” na cidade e conseguir trabalho, adoecia com frequência porque não recebia atendimento sanitário. Entretanto, com a industrialização iniciou-se a implantação de novas políticas educacionais e para a saúde dessa população marginalizada, pois, acreditava-se que não era bom para a cidade passar a imagem da pobreza que surgiu com o crescimento populacional.

Podemos evidenciar o tal crescimento com a fala da servente Maria Tartari, que morou na Escola de Educação Básica Professora Zélia Scharf a partir de 1975. Dessa forma, percebemos em sua narrativa o desenvolvimento do bairro ao redor da escola:

*O Bairro era bem bom. Meee...na época que nós moremo lá era muito bom.[...] Já era Presidente Médici. Quando nós entremo lá já era, que antigamente era o bairro da lagoa que dizia. Depois quando nós fomo lá já tinha outro nome.[...] Mudou. Quando nós fomos morar lá, Meu Deus! Era quase deserto... no colégio. Era bem difícil fica lá quase não tinha morador. Em 4, 5 anos aquilo ali virou um centrão[...]Iiisso. Meu Deus! Cresceu muito (TARTARI).*

Assim, continuou-se a circulação de uma visão ufanistada industrialização da cidade, mesmo com toda a marginalização de grande parte da população que veio em busca de novas oportunidades. Tal desenvolvimento apresenta-se neste trecho do jornal *Diário da Manhã*, contudo de uma forma convidativa:

*[...] O menor carente também tem a assistência da Secretaria através da operação 'menor de Chapecó' em convênio com o FUCABEM, órgão do FUNABEM, atendendo em cinco CEBEMs a mil crianças. Junto a área do menor carente seus familiares também são atendidos. São realizadas reuniões semanais nos CEBEMs, com atendimento de instrução, principalmente para as mães, as quais recebem orientação para o trabalho doméstico, educação e higiene"[...] O problema social de Chapecó é difícil de se questionar mesmo de controlar, dado ao grande fluxo migratório que sofre a cidade atualmente. Nós, de 1974 para 1975 conseguimos um índice de alfabetização de 95 por cento. Hoje, dado ao fluxo migratório que sofre a cidade provavelmente não atingiremos a 80 por cento. Há uma população sem recursos financeiros e mesmo pessoais, como seria preparação para o trabalho, que atraído pela fama da cidade, tenta a sua sorte mas sem a instrumentação necessária não sobrevive e então cria o mais angustiante problema social de Chapecó que a é a vida marginalizada suburbana. É a este pessoal que nós do Departamento de Promoções Sociais nos dedicamos de corpo e alma (JORNAL DIARIO DA MANHÃ, 7 de out 1979: 3).*

Com efeito, a elite implementou uma dada política educacional e social “deste pessoal”

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12

para que se conformasse uma dada moralidade, calcada na valorização do desenvolvimento industrial a qualquer preço, inclusive pela precarização das condições de trabalho e vida dos mais humildes. Implementou, ainda, estratégias para que essa parcela marginalizada fosse escondida e silenciada, não fosse vista pelos demais membros do meio urbano.

As mulheres e as crianças tiveram que mudar suas formas de viver, com essa modernização. Segundo Paim (2003), as mulheres trabalhavam no campo e, ao se mudarem para o meio urbano, foram orientadas a buscar um afazer no interior de suas casas, para que não tomassem mais seu chimarrão em uma roda na frente de suas casas e, com isso, se esviassem as ruas de pessoas. As crianças e os jovens que andavam nas ruas foram encaminhados para o FUCABEM (Fundação Catarinense do Bem Estar do Menor), que implantou uma regional em Chapecó em 1977.

Percebemos que a ideia de modernização urbana veio acompanhada de estratégias para manter as ruas “limpas” das marcas da pobreza; era indesejável que os pobres circulassem pelas ruas da cidade.

Dessa maneira, percebemos uma estética da cidade moderna que educa os sentidos de seus sujeitos para os novos padrões da industrialização, de urbanização e qualificação da mão de obra e a marginalização dos sujeitos que não acompanham o desenvolvimento e padronização dos espaços públicos, como as ruas e as escolas municipais e estaduais.

Assim, caracterizando a singularidade deste trabalho por olhar sensivelmente para esses zeladores como parte desse meio, valorizando suas experiências e narrativas rememoradas como formadoras de conhecimentos históricos e então ressaltando a importância do sujeito como formador e parte deste. Por fim, este trabalho apresenta-se como um recorte da pesquisa de mestrado: *Um olhar sensível sobre Chapecó na modernidade: narrativas e experiências como formação de conhecimento histórico de 1970 a 1980* no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco.

### Referências:

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 261- 306.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

13

BELOMIR, O. **Entrevista concedida a Marina Luz Rotava Paim**. Chapecó, 29 fev. 2016.

BENJAMIN, W. Paris, capital do século XIX. Tradução Flávio R. Kothe. *In*: KOTHE, Flávio. (Org) **Walter Benjamin**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1991a, p. 30- 43.

\_\_\_\_\_. Paris do Segundo Império em Baudelaire. Tradução Flávio R. Kothe. *In*: KOTHE, Flávio. (Org) **Walter Benjamin**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1991b, p.44- 122.

\_\_\_\_\_. Experiência e Pobreza. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994a, p. 114-119.

\_\_\_\_\_. O Narrador. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994b, p. 197-221.

\_\_\_\_\_. Infância em Berlim por volta 1900. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 73-142.

GALZERANI, M. C. B. Prefácio. *In*: GUIMARÃES, M. **Corpo e cidade**: sensibilidade, memória e história. Jundiaí: Paco editorial, 2013, p. 13- 14.

JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ. Panorama da assistência social em Chapecó.7/ 10/1979. Fontes: Centro de Memória do Oeste Catarinense.

LÖWY, M. **Método dialético e teoria política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

PAIM, E. **Fala professor (a)**: o ensino de história em Chapecó, 1970-1990. Chapecó: Grifos, 1997, p. 18-34.

PAIM, E. **Industrialização e educação**. Chapecó: Argos, 2003.

PAIM, E. **Aspectos da construção histórica da região oeste de Santa Catarina**. Editora Universitária UFPB, João Pessoa, n. 14. p.121-138, jan./jun. 2006.

PORTELI, A. O que faz a história oral diferente? **Projeto história**, São Paulo, n. 14, 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>>. Acesso em: 16 set. 2015.

SOBRAL, A. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em ciências humanas. *In*: Org. BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 103-121.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 267-304.